

MÍNIMO MÚLTIPLO COMUM: UMA EXPERIÊNCIA PARA PENSAR A PALAVRA EM PROPOSIÇÕES DE LEITURA

MAURICIO BITTENCOURT¹; HELENE GOMES SACCO²

¹Universidade Federal de Pelotas – mauricio.laborativo@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – sacco.h@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O artigo busca refletir por meio de sua própria escrita e estudo de autores e referenciais, alguns gestos artísticos empreendidos nos processos de criação e proposições artísticas que ocorrem ou são veiculadas pela palavra como experiência em comum. Dessa forma, inicio procurando entender a palavra como um elemento, matéria mínima comum que constitui a vida humana, para então observá-la nas formas de endereçamento e possibilidade de encontro entre artista, trabalho de arte e público. Para isso apresento minha exposição individual “O mínimo, o múltiplo e o comum” realizada na Sala Edi Balod na UNESCO em Criciúma-SC (2022), além de gerar algumas aproximações com artistas como Cildo Meireles e Coletivo Poro, apresento interlocuções que são resultado de encontro com leituras e investigações de conceitos de dicionários. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

Tomando emprestado o método de Francis Ponge de recorrer aos dicionários, começo investigando primeiramente a palavra “mínimo”, nos dicionários encontra-se “muito pequeno”, “diminuto”, “menor que todos os demais num conjunto”, “que é o menor”, “o menor valor”, “a menor quantidade admitida ou praticada (de alguma coisa)”. Do latim Minimum, “o menor de todos”, superlativo de Minor (“mais pequeno, menor”). Basta observar um pouco mais para que percebamos que o mínimo, está em tudo. Nas placas, no RG, no ingresso do cinema, no aviso sonoro do aeroporto, na boca do feirante, num pensamento profundo, no grito de uma multidão em protesto ou num sussurro na beira do ouvido e até dentro do seu pensamento que agora lê esse texto. As palavras dizem o que são e o que somos e, segundo Valère Novarina (NOVARINA, 2009, p.14), podem ser pensadas “como a verdadeira carne humana e uma espécie de corpo do pensamento”.

2. METODOLOGIA

A arte conceitual é cheia de exemplos como também torna mais clara a participação da palavra seja na obra como elemento visível, seja no título como um gatilho de entrada na experiência poética. Como encontrar o comum? Falo da possibilidade de um encontro fortuito com a arte, fora dos seus lugares tradicionalmente instituídos? Neste caso é como se o artista encontrasse justamente o acesso ao que já está dado no mundo, por exemplo: Quando Cildo Meireles realiza seu famoso trabalho “Inserção em Circuitos Ideológicos – Projeto “Coca-Cola” (1970), assim como no “Projeto Cédula” muitas questões foram levantadas por ele, desde o abandono do culto ao objeto, a criação de um novo sistema de circulação que

não passasse por nenhum controle centralizado. Mas destaco aqui a valorização da função que os trabalhos poderiam provocar no corpo social, trabalhar com a ideia de um público outro e com um tipo de arte que pode até mesmo incorrer à invisibilidade.

Voltando a atravessar as palavras presentes no título da exposição temos também o “múltiplo”, que acima de tudo é termo das artes visuais e que é apresentado na exposição como tal. Mas aqui também como Ponge, nos interessa ir até à raiz da palavra. Múltiplo vem do Latim MULTIPLUS, “dobrado várias vezes”, de MULTI-, “muito, muitos”, mais -PLUS, “dobrado”, da base de PLICARE, “dobrar”. Os múltiplos na arte são estratégias expansivas (ZÓZIMO, 2011) para se chegar, acessar um número maior de pessoas, são também a forma de democratizar o acesso à obra, muitas vezes com a distribuição gratuita da obra ou parte dela nas exposições.

E por fim (ou seria a partir?) chegamos ao comum: Que pertence a todos; geral, coletivo, público. Que cada um pode fazer parte ou participar: escritório comum. Realizado em conjunto: refeição comum; quarto comum. Particular a um grande número de pessoas; geral: interesse comum. Caracterizado pela simplicidade; simples: sujeito comum. Muito banal ou frequente; habitual: problema comum. [Pejorativo] Que é insignificante; sem valor: uma pessoinha comum. [Gramática] Diz-se do substantivo que nomeia ou se aplica à classe da qual fazem parte os seres, as coisas: substantivo comum. O que se apresenta em maior número; a maioria: recebe menos que o comum. O que é habitual, corriqueiro: o comum é almoçar todos os dias. Em comum. De modo coletivo: a lei foi feita em comum. Comum vem do latim COMMUNIS, “comum”, provavelmente no início significando “ato de repartir deveres em conjunto”, relacionada a MUNUS, “tarefa, dever, ofício”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos trabalhos da minha exposição, busco também pensar o gesto mínimo do encontro com a obra e da sua leitura como um ativador da participação. A leitura além de ativadora das palavras de um texto, ela se torna uma estratégia de ampliação da experiência. No trabalho “Noite como Festa” que é uma publicação disponível online por QR CODE, e presencialmente apresentada de três formas. Na época utilizei a exposição como laboratório de experimentação de formas expositivas dessa publicação; temos o livro completo impresso ao lado do acesso a publicação online, e acima dele algumas páginas do livro abertas na parede, afim de brincar com a noção de quadro e o espaço da parede e seus usos nas exposições de arte. Como uma outra forma também temos na mesa junto com múltiplos de todos os trabalhos da exposição, cartazes de algumas páginas da publicação pensando as páginas soltas deslocadas de seu conjunto.

Nas micronarrativas e na pessoalidade existe também um encontro daquilo que nos atravessa, assim como o encontro que eu busco nas narrativas pessoais dos cartões postais no trabalho “Para todos os garotos que não me amei”(2022), que é constituído de oito modelos de cartões postais frente e verso na parede (e 100 copias deles para levar na mesa de múltiplos). Ao me apropriar do título do filme “Para todos os garotos que eu amei” (2020, Original Netflix.) onde a personagem principal guarda cartas não enviadas para os amores e tem essas cartas reveladas e entregue aos destinatários durante a trama do filme, vemos ela ter inclusive alguns dos amores super correspondidos, um cenário idealizado clichê

de filme romântico, mas que se afasta mais ainda da realidade de uma vivência LGBT+ dos anos 90 no interior do Rio Grande do Sul, que foi a vivência que tive.

Por mais que uma experiência tão pessoal possa à primeira vista parecer afastar as pessoas, noto na exposição como ela aproxima as pessoas de suas próprias vivências, e percebo a potência que a experiência específica tem no coletivo, e com isso temos mais um encontro, onde a palavra/narrativa encontra o comum. “por intermédio de relatos particulares, outras dimensões mais amplas são articuladas para o entendimento dos fenômenos sociais e, por conseguinte, pensadas suas sequelas nas trajetórias dos sujeitos.” (CAETANO, 2016)

A experiência com a arte promove um encontro em que a obra só existe ou se completa quando acessada pelo público, Duchamp fala que o ato criador não é executado pelo artista sozinho “[...]o público estabelece o contato entre a obra de arte e o mundo exterior, decifrando e interpretando suas qualidades intrínsecas e, desta forma, acrescenta sua contribuição ao ato criador. (DUCHAMP, 1965, p.2)”

Trabalhos como *Desleitura* (2011) de Jorge Menna Barreto, que ao criar misturas de termos distintos escritos em tapetes de borracha, funciona como disparador de conversas (outra das formas que a palavra aparece como um gesto em comum nas artes visuais e na vida). No trabalho “Coro de Queixas” da dupla finlandesa Kochta e Kalleinen (2011), uma música em coral composta pela lista das queixas da cidade, vemos a palavra se apresentando nesse interstício do encontro entre leitores - leitores de mundo, leitores/escritores que transcrevem o mundo através de suas reclamações e leitores público que vão acessar o vídeo ou a apresentação musical e se encontrar através dessa palavra cantada.

Volto aqui a frisar a importância desse encontro e perceber a diferença desse comum (Em comum), como uma experiência de encontro pela leitura, e do comum que é aquilo que está no meio, aquilo que está num dia-a-dia, aquilo que está tão dado no presente de nossas vidas, que passa despercebido, pois não é interessante ou suficientemente espetaculoso e, por isso nos é tão caro, como o *Infraordinário* de Perec (2010)

O trabalho “Alguma coisa faltou aqui”, (2022) surge como um dos 100 títulos (outro trabalho da exposição), onde eu crio uma lista de trabalhos que são signos do fracasso de trabalhos que começam a partir do título e nunca ganham forma, nunca chegam a um status de trabalho final. Nesse movimento eu percebo que o título “Alguma coisa faltou aqui” em si já constitui potência como um trabalho, seu enunciado, principalmente se aplicado pensando a lógica de uma intervenção urbana, cria através de sua leitura (importante ressaltar esse gesto) uma ausência, um lapso, pois ao anunciar que algo faltou, ao intervir no espaço ele retira algo metaforicamente, e volta a existir apenas como palavra.

A palavra aparece de formas mais diversas em trabalhos de artistas, destaco aqui as “Faixas de anti-sinalização” (2009-2016) do Grupo Poro, que se apropriam do recurso das propagandas, das coisas do mundo, para disparar frases que mais “desorientam”, questionam, abrem possibilidades do que sinalizam caminhos ou oferecem serviços (como é feito no uso cotidiano e capitalista das cidades).

4. CONCLUSÕES

Essas tentativas de ativar a língua, ativar a palavra, perceber a participação em suas múltiplas formas que podem ser possíveis através da palavra, me interessam e começam a gerar formas possíveis, maneiras de fazer e pensar as formas

de concepção e de apresentação dos trabalhos. Zóximo (ZÓZIMO, 2011, p.14) questiona:

“[...] em um espaço expositivo, qual seria o estatuto de uma obra múltipla que só é ativada pela leitura e manuseio? A última questão não somente interroga esse tipo de trabalho artístico, como também coloca em xeque o modo como os lugares apresentam tais produções.”

Essa pergunta reverbera a partir e com a expografia da exposição, que apresenta ao centro de sua montagem, múltiplos para levar, como um recurso já bastante utilizado em exposições afim de gerar a participação através do “levar para casa”, e estratégia de expandir para fora da galeria. Nas paredes apresenta os trabalhos como outro tipo de participação, essa que aguarda o público-leitor. A leitura e a participação do público, ativando a palavra escrita/falada/lida, na ampliação de sua potência pelo estar juntos, da partilha de uma experiência em comum, do encontro que se dá através da leitura, pretende buscar nesse gesto mínimo uma outra forma de participação. Ao compreender que, se toda arte pode ser considerada participativa, me interessa o que pode ser feito para que esse lugar do encontro se estabeleça em meus trabalhos, por via da palavra e com o objetivo de demarcar um estar juntos.

Roland Barthes, no livro *Rumor da Língua*, traz a seguinte questão: “Nunca lhe aconteceu, ao ler um livro, interromper com frequência a leitura, não por desinteresse, mas ao contrário, por afluxo de ideias, excitações, associações? Numa palavra, nunca lhe aconteceu ler levantando a cabeça?” (BARTHES, 2012, p.26). Barthes se interessava nesta reflexão, por um texto que fazemos involuntariamente ao lermos, um texto que segundo ele divaga no pensamento. “Simplesmente um texto, esse texto que escrevemos em nossa cabeça quando a levantamos” (BARTHES, 2012, p.27). Segundo ele, este texto deveria se chamar com uma só palavra: texto-leitura. Volto ao texto do Ato criativo de Duchamp e vejo o quanto essas proposições de leitura ampliam em formas possíveis, se desdobram e se reinventam pela participação do espectador-leitor, pelas memórias de vivências acessadas por essas leituras e pelo seu estado de abertura. Quem dera eu tivesse acesso a esses textos-leitura.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

- BARTHES, Roland et al. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes. 2012. 488p.
- CAETANO, Marcio. **Performatividades reguladas**: heteronormatividades, narrativas biográficas e educação. Curitiba: Appris, 2016.
- DA SILVA, Mariana Silva. Zonas de Contato: Ressonâncias da natureza no infraordinário. **Paralelo 31**, v. 2, n. 13, p. 26, 2019.
- NOVARINA, Valère. **Diante da palavra**. 2ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. 96 p.
- ROCHA, Michel Zóximo. **Estratégias expansivas**: publicações de artistas e seus espaços moventes. Porto Alegre: Edição do Autor, 2011. 170 p. Distribuição gratuita.

Capítulo de livro

- DUCHAMP, Marcel. O ato criador. In: BATTCOCK, G. (Org.). **A nova arte**. São Paulo: Perspectiva, 1986. p. 71-74.
- PEREC, Georges. Aproximações do quê?. **Alea: estudos neolatinos**, v. 12, p. 177-180, 2010.